

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DIA MUNDIAL DO PATRIMÓNIO AUDIOVISUAL
27 de outubro de 2022

9 ½ / 2022

de Anna Briggs, Michele Manzolini, Mirco Santi

Curadoria: Anna Briggs, Michele Manzolini, Mirco Santi / Pesquisa de Arquivo: Anna Briggs / Montagem: Giulia Goy, Michele Manzolini / Música: Biagio Cavallo, Lorenza Ceregini, Daniel Mussatto, Dries Versmissen / Supervisão Musical: Simonluca Laitempergher / Produção: INEDITS Amateur Films – Memory of Europe / Produção Executiva: Home Movies – Archivio Nazionale del Film di Famiglia / Em Colaboração com: Ciclic Centre-Val de Loire, Cinéam – Archives audiovisuelles en banlieue parisienne, Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, Cinémathèque de Bretagne – Gwarez Filmoù, Cinémathèque des Pays Savoie et de l’Ain, Cineteca Nacional de Chile, Établissement de Communication et de Production Audiovisuelle de la Défense, Filmarchiv Austria, Fondazione Cineteca di Bologna, Fukuoka City Public Library Film Archive, HMH Foundation Moving Image Archive, IICADOM The International Institute for the Conservation, Archiving and Distribution of Other People’s Memories, Kobe Planet Film Archive, Laboratório Universitário de Preservação Audiovisual da Universidade Federal Fluminense, Louis Pelletier Collection, Netherlands Institute for Sound and Vision, Ngā Taonga Sound & Vision, Normandie Images North West Film Archive, Toy Film Museum, Yorkshire Film Archive/North East Film Archive e ainda The International Master in Composition for Screen and the School of Electronic Music of the Conservatorio G.B. Martini of Bologna / Com apoio: FIAF – Federação Internacional dos Arquivos de Filmes e Jérôme Seydoux-Pathé Foundation / Cópia: Digital, sem diálogos, com intertítulos em várias línguas (tais como francês, japonês e inglês), todos legendados em inglês / Duração: 51 minutos / Estreia Mundial: 15 de Outubro de 2022, Archivio Aperto, Bolonha / Inédito em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

Filme compósito que celebra os 100 anos do suporte de filmes amadores 9,5mm, autenticado pela Pathé e disponibilizado ao público em 1922, desde aí fomentando uma espécie de febre pela produção de imagens por todo o mundo. Antes, com a Kodak, em particular desde a câmara Brownie, o registo fotográfico passou a estar acessível ao comum dos mortais. Os anúncios Kodak não eram muito diferentes dos *slogans* da Pathé, desde logo ao apelidar o seu projetor de Pathé-Baby – é ele que vemos logo no início deste filme de vários filmes, tapeçaria de imagens feitas ao longo dos tempos pelos ditos cineastas amadores. Há uma certa infantilização discursiva presente no *marketing* destes produtos, pelo que se, numa primeira instância, tal alude à facilidade de uso destes novos dispositivos (“Se até uma criança consegue...”), rapidamente a fórmula meramente retórica degenerou no entendimento geral, nem sempre justo, de que há um cinema “amador” e um cinema “profissional”; de que há um cinema feito de maneira rudimentar e sem arte e um outro que é garante de engenho e imaginação. Ora, 9 ½ participa de um movimento relativamente recente que tem procurado integrar o trabalho anónimo e descontraído de realizadores amadores num movimento comum chamado história do cinema.

Vários são os realizadores – designados “apropriacionistas” por trabalharem intensamente com imagens “pescadas” em arquivos, tais como o austríaco Peter Tscherkassky (ao nível de uma certa plasticidade das imagens) ou o holandês Peter Delpout (de um ponto de vista mais narrativo) – que têm produzido trabalhos notáveis que redundam, advertida ou inadvertidamente, numa revalorização política das imagens de autores desconhecidos e/ou “sem programa”. No âmbito nacional, Edgar Pêra (exemplo de **Fitas Cirurgykas** [2021]) e Margarida Leitão (*vide* **Mulher Ideal** [2015], filme realizado no âmbito da TRAÇA – Mostra de Filmes de Arquivos Familiares) são só dois exemplos de realizadores que têm feito do arquivo de filmes familiares, *vulgo home movies*, espaços de recriação e recreação. Jean-Luc Godard chegou mesmo a dedicar um episódio, 3b, da série **Six fois deux/Sur et sous la communication** (1976), realizada com Anne-Marie Miéville, ao relojoeiro Marcel, homem humilde que tinha como *hobby* o cinema amador em 8mm. Hoje é evidente a influência que os seus filmes de paisagens – em particular, as suas esplendorosas imagens da natureza – exerceram na obra em vídeo do próprio Godard, nomeadamente em **Éloge de l’amour** (2001) e **Adieu au langage** (2014).

Não será desajustada a tese de que, de facto, existe um secreto tráfico de influências entre o cinema que se realizava – e se realiza – por “amadores” e alguns dos principais movimentos e realizadores de referência da dita história oficial do cinema: vai dizer-me, caro leitor/espectador, que, em momento algum, em face destas imagens, pensou nas vistas Lumière, nos truques de Méliès, nas sinfonias de Ruttmann e Vertov, na comédia burlesca de Chaplin e do primeiro Ozu ou nos estudos de luz e forma de Moholy-Nagy ou nas experiências *avant-garde* de Man Ray e Duchamp? Perceber que há de facto uma ressonância entre estas histórias será, quiçá, algo de surpreendente. De facto, a equipa de curadores convoca neste filme-ensaio imagens poderosas provenientes de cinematecas de todo o mundo, dos Estados Unidos ao Japão, passando por Portugal (imagens de um grande nevão em Manteigas e de uma brincadeira na praia do Guincho). E se há a beleza nas imagens, também importa salientar a relevância deste filme-compósito enquanto documento de uma certa humanidade em busca de distração ou razões para sorrir, sensivelmente dos anos 20 até ao final dos anos 50. Qualquer coisa não muito distante do projeto de Walter Ruttmann de produzir, com imagens de todo o mundo, uma **Melodie der Welt** (1929).

Se algo liga todas estas “visões” entre si é o registo familiar e sentimental, por um lado, e o documento sobre as proezas e “milagres” do tempo, por outro. Entre essas façanhas está toda a gama de “brinquedos” tecnológicos que invadiu as diferentes sociedades nesses anos: a câmara e o projetor são os primeiros brinquedos que aqui se mostram e cujo trabalho também consiste em registar – e exaltar – “brincadeiras” envolvendo comboios, balões, carros e elevadores, mecanismos mais ou menos novos que puxam os corpos para a frente, para cima, para baixo e para os lados. E há o cinema que nos puxa para todos os lados – é só a imaginação deixar. Irrompe, assim, desta “viagem pelo mundo em 9,5mm”, uma energia criativa que perpassa a humanidade como um todo; uma humanidade em festa e de mãos dadas.

A câmara amadora vem celebrar, desde logo, nesses “loucos anos 20”, uma certa euforia em torno da possibilidade de viajar e daquilo que será o grande *leitmotiv* do novo século: a velocidade. Com a velocidade surge também, por via da entrada em cena destas câmaras, a necessidade de “atuar” ou de “performatizar” tudo e a toda a hora: as

rotinas da manhã, a preparação de um prato de peixe, um passeio na praia, a saída dos noivos recém casados da Igreja ou a troca do pneu de um carro ou as brincadeiras das crianças, normalmente no seio familiar. São decididamente as crianças, não os adultos, os grandes protagonistas de **9 ½**, porque também são elas as primeiras a saber brincar, dominando o que se não quer dominar: a tal energia criativa (veloz, imprevisível, desarticulada) que serve de alimento ao novo imaginário “inaugurado” pelo 9,5mm. A diversão apresenta-se “ao quadrado”: vivida, sim, mas também encenada e recriada para “vermos depois” ou para “outros verem”, em projeções caseiras a cargo do Pathé-Baby. Um bebé com 100 anos.

Luís Mendonça